

ESCUA NA DANÇA: ASPECTOS REVELADOS A PARTIR DAS ÁUDIO-AULAS DO TATÁ NÚCLEO DE DANÇA-TEATRO

BIANCA MENDES ASCARI¹; MARIA FONSECA FALKEMBACH²

¹Universidade Federal de Pelotas – bascari@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – mariafonsecafalkembachufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte do segundo capítulo do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na graduação em Dança - Licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas. No TCC proponho uma análise e reflexão acerca da elaboração e experimentação das áudio-aulas¹, material pedagógico desenvolvido pelo Projeto de Extensão Tatá Núcleo de Dança-Teatro nos anos de 2020 e 2021, durante a pandemia do Covid-19². Com o isolamento social e a migração para atividades remotas, o Tatá passou a ter encontros *on-line* e, a partir disso, surgiu a ideia de construir materiais pedagógicos de dança pensando em manter o vínculo do Tatá com as escolas eventualmente auxiliando professores que quisessem utilizar esses materiais em suas aulas.

Neste trabalho, apresento reflexões a partir das entrevistas com as professoras participantes da pesquisa, a partir da experimentação das áudio-aulas nas suas turmas de dança na escola. Durante as entrevistas com as professoras surgiram termos que se repetiram na fala das duas. Posteriormente, durante a análise das entrevistas, percebi outras palavras ou ideias que, de forma discreta, apareciam também, e me interessaram. Ao longo do capítulo discuto três termos que se destacaram nesse processo, entretanto, para este trabalho trago o foco apenas para um deles, a *Escuta*.

2. METODOLOGIA

Trago reflexões a partir da fala das duas professoras que aceitaram participar da pesquisa experimentando as áudio-aulas em suas aulas de dança na escola. A professora Carolina Pinto, graduada em Dança - Licenciatura pela UFPel, atua como professora de dança na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dona Maria Joaquina. E a professora Cleyce Colins, também graduada em Dança - Licenciatura pela UFPel, atua como professora de dança na Escola Municipal de Ensino Fundamental João Silva Silveira, ambas localizadas na zona rural de Pelotas.

Após elas terem realizado as práticas na escola, utilizei a entrevista semiestruturada para entrevistá-las. Optei usar a entrevista semiestruturada, pois acredito que este instrumento organiza o diálogo entre entrevistador e entrevistado, Dantas (2008) acredita que esse tipo de entrevista também

¹ Aulas de dança em formato de áudio conduzidas apenas pela voz do mediador da prática. Buscando uma relação com a escuta do seu próprio corpo e da voz que conduz a aula.

² Doença infecciosa causada pela SARS-CoV-2, o novo coronavírus. A sua rápida propagação a nível mundial levou a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarar dia 11 de Março de 2020, a infecção COVID-19, uma pandemia mundial (ESTEVÃO, 2020, p. 5).

possibilita ao entrevistado desenvolver outros temas que não haviam sido considerados pelo pesquisador.

A partir dos relatos das professoras nas entrevistas, sobre como foi experimentar as áudio-aulas com os alunos, parti para a análise desses relatos buscando conexões e oposições entre as falas dessas professoras, com intuito de construir categorias de análise. Na construção de categorias de análises surgiram três elementos que identifiquei como fundamentais nesta pesquisa, e que, de alguma forma complementam-se. São eles: vigilância, escuta e imaginário criativo. Como mencionado anteriormente, neste trabalho trago um olhar específico para a escuta.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

“[...] acho que principalmente houve uma possibilidade de sensibilização ao aspecto da escuta, e eu acho assim que foi um dos pontos que veio bastante, e aí junto com isso pensando bem essa questão da criação [...]” (CLEYCE, 2021 p. 2)”.

A professora Cleyce, que experimentou a áudio-aula com alunos da educação infantil, que possuem entre 4 a 6 anos de idade, relata que esse material possibilitou uma sensibilização da escuta. Justamente por valorizar a individualidade de cada corpo, e suas diferentes formas de interpretações da vida e do cotidiano.

Ao escolhermos trabalhar com práticas mediadas pela voz, sem exemplos visuais, estamos incentivando novas possibilidades de interpretar as propostas pedagógicas das aulas. Por exemplo, na aula que Cleyce experimentou com suas turmas, o mediador³ da áudio-aula pede para que se movam como uma água bagunceira. A partir dessa indicação, cada aluno buscou em sua memória como é o movimento da água e o relacionou a uma água bagunceira.

A interpretação corporal de diretrizes verbais é uma característica muito comum nos métodos da educação somática, campo de estudo protagonizado por profissionais da área da saúde, da arte e da educação. A educação somática propõe diversos métodos de trabalho corporal, a partir de pressuposto que vão contra a visão mecanicista do corpo. Ao longo de anos essas metodologias de pensar e lidar com o corpo foram se disseminando pelo mundo, e artistas da dança passaram a se interessar pela educação somática. Segundo Eloisa Domenici (2010),

esse encontro provocou importantes mudanças na maneira de pensar o corpo na dança: reivindicou o respeito aos limites anatômicos do corpo, estimulou a exploração de novos padrões de movimento e questionou modelos e concepções bastante firmadas pela tradição acerca do treinamento corporal (DOMENICI, 2020, p. 70).

De acordo com Débora Bolsanello (2011), a maneira como o professor aborda o movimento do corpo de seus alunos no contexto das aulas, optando não demonstrar como ele deve se mover, faz com que o aluno seja levado a interpretar os comandos segundo a percepção que tem de seu corpo, seus limites e potências, não se restringindo à um modelo pré-estabelecido.

³ Está aula foi conduzida pelo colaborador Jão Cruz. Para ouvir a áudio-aula acesse o link:
<https://drive.google.com/file/d/1AaMOQ06BGFSwqmfqQpD5VFedGQMHJxpa/view?usp=sharing>

Considerando que as áudio-aulas foram construídas pensando no ensino de dança durante a pandemia do Covid-19, é importante pensar como a escuta e o estado de presença foram trabalhados nesse período. As autoras Cora Laszlo e Jussara Miller (2020) trazem reflexões e apontamentos sobre estudos da presença e estados de atenção em ações artísticas e pedagógicas mediadas por tecnologias digitais em tempos de isolamento social. As autoras colocam que, mesmo conectados pela internet e por dispositivos tecnológicos, podemos trazer a atenção para nós, nossas sensações, espaços articulares, tensões, desejos de movimento e fluxo através da escuta (LASZLO, MILLER, 2020, p. 104).

Sabemos que não é uma tarefa simples manter esse estado de atenção, ainda mais no contexto social em que estávamos inseridos no qual havia um excesso de informações digitais que gerava uma dificuldade de entrega da presença total do corpo e da atenção. Por isso, escolhemos utilizar o áudio como meio para desvincular a dança de práticas imagéticas. A partir de estudos científicos realizados na década de 1990

mostrou-se que a visão não é um fenômeno passivo, de captação da imagem dos objetos do mundo, mas, sim, uma construção do cérebro na interação com esses objetos, no qual participam, além da informação visual, outros tipos de dados, como tato, cheiro, sons e também experiências da memória (DOMENICI, 2010, p. 72).

Nosso corpo é constantemente cercado por imagens que moldam o mundo e nos influenciam diariamente em nossas escolhas e no modo em que vivemos. Sendo assim, é importante promover práticas que vão em oposição a estas questões.

4. CONCLUSÕES

Cada indivíduo capta imagens de maneira singular, a partir da sua subjetividade e experiência individual para com o mundo. Então não há como uniformizar o conhecimento de cada corpo mesmo que a partir do mesmo objeto (DOMENICI, 2010, p. 72). A imagem e repetição ainda é algo supervalorizado nas aulas de dança, muitas vezes deixando em segundo plano a escuta das interpretações individuais de cada corpo. Por isso, deve-se retomar práticas que sensibilizam a escuta da subjetividade de cada corpo, travando novamente uma oposição em relação ao conservadorismo na dança.

Para concluir, retomo a importância de práticas pedagógicas que valorizam a particularidade de cada aluno e suas respectivas culturas. Através da escuta, buscamos potencializar a singularidade, sensibilidade e criatividade de corpos que estavam em meio ao isolamento social restritos em suas casas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLSANELLO, Débora Pereira. A educação somática e os conceitos de descondicionamento gestual, autenticidade e tecnologia interna. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 36, p. 306-322, jan. 2011. ISSN 2175-8042.

DANTAS, Mônica Fagundes. Escolhas metodológicas no âmbito da pesquisa em dança. **Anais ABRACE**, v. 9, n. 1, 2008.

DOMENICI, Eloisa. O encontro entre dança e educação somática como uma interface de questionamento epistemológico sobre as teorias do corpo. **ProPosições**, v. 21, p. 69-85, 2010.

DOSSIÊ CLEYCE. **Transcrição da entrevista**. Arquivo confidencial não publicado. 3 f. 2021.

ESTEVÃO, Amélia. **COVID-19**. Acta Radiológica Portuguesa, v. 32, n. 1, p. 5-6, 2020.

LASZLO, Cora; MILLER, Jussara. Corpos em conexão, corpos em presença. Manzuá: **Revista de pesquisa em Artes Cênicas**, vol. 3, n. 2, pp. 95-116, nov. 2020.